

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 6650; Estrangeiro, 6 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2410 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA SÁBADO, 9 DE OUTUBRO DE 1926

A protecção às missões religiosas

Antes de entrarmos no assunto acentuaremos que a classe operária não tem preferências políticas e julga os governos sem atender aos partidos de que são oriundos e tendo em linha de conta, exclusivamente, os actos que praticam—actos que de qualquer modo afectem os interesses e as regalias das classes trabalhadoras. Feita esta declaração, destinada a neutralizar, ou melhor, a inutilizar as especulações dos pescadores de águas turvas que pretendem levar a massa operária a reboque de ambições e interesses partidários, passamos a expor algumas das razões porque discordamos do decreto elaborado pelo ministro das Colónias, com o fim de proteger as missões religiosas no ultramar. Discordamos do referido decreto em primeiro lugar porque o decreto em si não importa a pessoa que o decretou e a situação política que entendeu achá-lo digno de ser posto em prática.

Em primeiro lugar os membros dessas missões ficam isentos do serviço militar, porque são padres. E como ninguém está isento dessa obrigação imposta pelo Estado, verifica-se logo de entrada que foi aberta a favor dos padres uma excepção odiosíssima.

O decreto estabelece aos padres vencimentos, transportes e aposentações, isto é: concede-lhes generosamente todas as regalias que usufrui o seu funcionalismo, o que quer dizer que os considera como a ele pertencendo. E a isenção do serviço militar reveste-se, com esta circunstância, dum maior odioso: o Estado admitindo os padres ao seu serviço consente que eles sejam isentos das leis militares que abrangem, indistintamente, todas as pessoas do sexo masculino.

Acresce ainda a circunstância do Estado só abrir os cofres, só se mostrar generoso com as missões católicas; fica ignorando a existência das missões protestantes, que são também religiosas. Verifica-se, pois, que o Estado reconhece exclusivamente a existência da religião católica; ampara-a, protege-a e favorece-a.

As missões destinam-se a civilizar o negro. Supunhamos — o que faz sermos ingenuos! — que civilizar os que habitam os sertões seria ensiná-los a ler, primeiro do que tudo, e depois a dar-lhes as noções científicas e técnicas que fariam deles seres conscientes e civilizados.

Notas & Comentários

A crise da imprensa

A imprensa está atravessando uma crise gravíssima. Para agravá-la surgiu agora mais um factor: a suspensão da velha regalia de isenção de franquia de que gozava. Diz-se que a administração dos Correios e Telégrafos necessita de arranjar dinheiro. Ora, em todos os países onde se olha a sério a utilidade das relações postais os Estados suportam grandes déficits dos Correios e Telégrafos, certos de que esse deficit resulta num benefício colectivo pelo aumento das relações. Cá, por enquanto, ainda não se vêem as coisas sob esse aspecto.

Um convite

O ministro dos Negócios Estrangeiros convidou os directores dos jornais diários a comparecer hoje no seu ministério, no Paço das Necessidades, pelas 17 horas, a fim de com eles trocar impressões acerca de certas notícias de carácter internacional vindas a público na imprensa.

Livros novos

O dr. sr. A. de Brito Fontes acaba de publicar uma conferência que não ohegou a pronunciar por ocasião do centenário da fundação da Escola de Cirurgia de Lisboa e que intitulou: Esboço do estado actual dos nossos conhecimentos sobre a acondroplasia. Trata-se de um estudo curiosíssimo sobre os deformados de nascença que não só interessa aos homens de ciência como aos profanos. Também o major sr. Francisco Araújo publicou um livro curioso, Tropas, negras, onde, á parte a tese militar que não nos agrada, trata a raça negra com aquele interesse e inteligente carinho que no homem civilizado deve merecer indistintamente todas as raças. Mais de espaço faremos mais larga referência a este livro que, tendo aspectos que não nos interessam, também possui facetas dignas de registro.

Uma festa em favor da "Batalha" em Cascais

Uma comissão de camaradas e amigos dedicados da Batalha, residentes em Cascais, vai realizar um espectáculo no Teatro Gil Vicente daquela vila, que promete revestir importância, visto que a comissão conta já com elementos valiosos.

Dentro em breve publicaremos o programa definitivo.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Resultou imponentíssima a quarta sessão de protesto realizada no Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

Foram aprovados importantes documentos e proferidos interessantes discursos

No Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria realizou-se ontem, com larga concorrência, a quarta sessão de protesto contra a carestia da vida.

Presidiu à sessão que abriu às 22 horas, um dos mais inteligentes militantes desta classe, secretariado os camaradas Abraão Coimbra e Edmundo Tavares.

O presidente ao abrir a sessão proferiu um pequeno discurso pleno de demonstrações da não razão de ser do aumento dos géneros alimentícios.

O orador aconselhou os assistentes, na sua maioria empregados no comércio, a repudiarem a obra de assambarcamento que os comerciantes estão realizando.

Só assim, concluiu, os empregados no comércio poderão conscientemente afirmar a sua repulsa pela carestia da vida.

Tomou a seguir uso da palavra Mário Pinto que declarou que os empregados no comércio, mais do que outra classe, têm o dever de em sessões desta natureza afirmarem a sua não responsabilidade no sonegamento ou no aumento do preço dos géneros.

Os empregados no comércio não têm culpa do assambarcamento dos géneros por que eles apenas são trabalhadores ao serviço de determinada empresa.

E com ardo:

— Que culpa têm os arsenistas do material de guerra que sai dos estabelecimentos onde eles empregam o seu labor? E o que sucede com os empregados no comércio.

Os comerciantes, prosseguiu o orador, guardam a bom recato os géneros que falam ao público. Mas esse criminoso gesto é de única responsabilidade dos seus autores, e não dos empregados ao seu serviço.

O orador passou em revista a obra miserável dos exploradores do povo, focando com veemência alguns factos de assambarcamento, que mereceram da assembleia vivos protestos contra os açambarcadores.

O ponto de vista dos empregados no comércio

Mário Pinto termina o seu discurso apresentando a seguinte moção:

«Atendendo a que a actual carestia da vida está prejudicando imenso uma população de seis milhões de indivíduos, em benefício exclusivo de meia dúzia de abortos da espécie;

Considerando que a agravar a resistência à subida desmedida dos artigos essenciais à vida, há a enorme crise de trabalho sem que contudo haja produção demasiada em stock; ainda que a prolongar-se este estado de benevolência que vem sendo dispensado aos traficantes da humanidade, negros dias nos estão reservados, pois que a fome é má conselheira, e o direito à vida é sagrado;

A classe dos empregados no comércio e o povo consumidor da capital, reunido ao convite do S. E. C. I. L., na sua sede em 8 de Outubro de 1926, resolve:

Que os empregados no comércio comuniquem para este Sindicato o local onde se encontram os artigos assambarcados, desde que disso tenham conhecimento.

Que este organismo officie ao governo o seguinte:

1.º Exigir dos poderes constituídos uma acção judicial enérgica, a fim de pôr um freio a tão vertiginoso depauperamento da humanidade.

2.º Que seja facilitada a entrada livre nas alfândegas a toda a matéria prima e maquinismos para a laboração das indústrias para que estas se desenvolvam e possam competir com as estrangeiras, debelando assim a «chomage» que grassa através do país.

3.º Que seja proibida por completo a exportação de todos os géneros alimentícios, ainda dos que haja abundância, chamando à responsabilidade os respectivos transgressores.

Admitida esta moção, Sebastião Marques, das Juventudes Sindicatistas, diz que o organismo que representa, ao invés do que insinua a burguesia, não é uma instituição de bandidos. As Juventudes Sindicatistas são organismos de educação moral e de preparação mental da mocidade trabalhadora.

Logo, esta instituição não poderia alhear-se destas manifestações de preparação de um movimento de protesto contra a carestia da vida, pois este flagelo torna impotente a obra que os jovens estão empenhados pela miséria a que arremega os que trabalham.

O orador fala a seguir sobre o assambarcamento dos géneros, tendo palavras de repulsa contra a obra de extermínio de vidas que estão realizando os comerciantes.

E a terminar:

— Está demonstradíssimo que os assambarcadores não arrepiam caminho.

Falou depois o camarada Manuel Maria de Sousa, que numa interessante dissertação provou a ilegitimidade do aumento do preço dos géneros alimentícios.

No entender do orador, o movimento contra a carestia da vida não pode limitar-se ao âmbito em que gravita. O operariado tem que sair dessa inércia, o operariado tem que erguer-se contra a ladrocinia infame que campeia em Lisboa. Só assim os objectivos da Câmara Sindical do Trabalho poderão materializar-se. — Fortes aplausos.

Foi dada a palavra ao camarada Domin- (Continua na 2.ª página)

PERANTE A CRISE DE TRABALHO

Transformemos Lisboa numa cidade moderna e civilizada

As obras do Parque Eduardo VII poderiam ser o início de uma época de útil remodelação da capital

Na apreciação das belezas naturais deste país ninguém há mais insuspeito do que nós, os avançados. Não somos chauvinistas, não temos bairrismo, vemos as qualidades e belezas naturais deste país, com a mesma imparcialidade com que apreciamos as dos outros. Se afirmamos que Lisboa é uma das cidades mais formosas do mundo não nos julgamos em exagero. Apenas dizemos a verdade e, ainda por amor à verdade, não hesitamos em declarar que nenhuma outra capital civilizada tem sido tão votada ao desprezo como esta.

Se não fossem os seus esplêndidos recursos naturais — a fertilidade do solo que lhe proporciona os lindos jardins, a situação geográfica que lhe dá, vista do Tejo, um aspecto deslumbrante, a amenidade do clima que a torna suportável aos seus habitantes — Lisboa seria inabitável.

Se bem que excepcionalmente favorecida pela Natureza, escazeia-lhe tudo quanto resulta do trabalho inteligente dos homens. Faltam-lhe canalizações decentes, serviços de higiene molecular, como os do Rio de Janeiro, restaurantes limpos e acessíveis, as bolsas pobres, e até aqueles centros de distração e de prazer imprescindíveis naquelas cidades que, pela sua situação geográfica, são frequentemente visitadas por estrangeiros.

Se o clima é bom, se a paisagem é bonita, se os arredores são encantadores, porque não transformar Lisboa num grande centro de turismo, que a anime daquela exótica vida, cosmopolita, que além de dar um aspecto de estranha beleza às cidades lhes garante uma actividade febril e frutificadora?

Parece-nos que, nesta hora de crise angustiosa, não haveria que hesitar em dar-se início a uma série de trabalhos tendentes a dotar Lisboa, pelo menos, daqueles elementos de civilização e de progresso que já são banalidades lá fora.

Para isso é necessário abandonar-se aqueles hábitos rotineiros que tantas energias aproveitáveis e tantas iniciativas úteis têm inutilizado. Ainda não há muito tempo que por pouco não tivemos em Lisboa o metropolitano, como já existe em todas as

O que seria o Palácio das Exposições no Parque Eduardo VII, segundo a proposta que a Câmara está apreciando

do Parque receberá a sanção da Câmara. E de esperar que receba, visto tratar-se de um empreendimento de tão alto valor, que neste momento tanto contribuiria para a solução de um problema gravíssimo: a crise de trabalho.

Se, como é de esperar, o projecto for aprovado, embora com algumas modificações que a Câmara entenda dever introduzir-lhe, Lisboa ficará dotada de um formoso elemento de progresso que a fará aproximar das capitais estrangeiras.

Estamos certos de que a Câmara saberá, nesta hora grave, encarar estes problemas com largueza de vistas e não esquecerá que Lisboa, com alguns anos de trabalho inteligente, desde que tornasse o seu porto acessível à navegação estrangeira e a capital agradável para a permanência de alguns dias, poderia, num curto espaço de tempo, transformar-se no pólo preferido dos americanos que vêm à Europa e num centro de turismo tão notável como a Suíça, por exemplo.

E já não queremos fazer referência neste artigo às vantagens económicas que resultariam do aproveitamento do trânsito de mercadorias da América para Europa e vice-versa, que presentemente se está fazendo por acanhados portos espanhóis, mas infinitamente melhor administrados e aproveitados do que os nossos.

Para que os belos projectos se tornem realidade é preciso não os contrariar, antes incitar os homens que os concebem a realizá-los, como querem os que projectavam a bela transformação do Parque Eduardo VII.

A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

O Tugúrio da Miséria é a trágica sepultura desses vermes humanos que residem nas apocalípticas regiões da dor

A fisionomia do Tugúrio da Miséria kodificada sob os effluvíos de suntuosidade do Palácio da Opulência, adquire expressões satânicas donde se exalam, em caudais, uiuos de tragédia, rumores de céleras e inextinguíveis nostalgias. De configuração desgredhada, qual silhueta macabra, o Tugúrio da Miséria é a residência dos vermes humanos que proliferam nas apocalípticas veredas do Casal Ventoso.

Visitei-o de tarde, quando o crepúsculo extinguiu os lampejos de vida naquele mundo de dor. A distância, quando o cicorone chamou a minha atenção para esse monturo, eu não distinguia se aquela silhueta tinha forma de habitação ou se era um bizarro capacho da Natureza.

E só perto, já respirando as pútridas emanções que se volatilizavam dessa buchara de extravagantes formas geométricas, eu ambiente que os dilacerava. E durante alguns minutos a mesma atmosfera de terror, dando às expressões dos habitantes um misto de súplica e de desdém.

Entretanto, sobre o denso negrume em que está mergulhado o Tugúrio da Miséria distendíamos o olhar e fomos esmaecendo na memória a tonalidade daquele triste cenário.

O Tugúrio da Miséria é uma simples barraca formada por pedaços de madeira cauchosa e enegrecida e coberta por resíduos de telha e por fragmentos de folha de lãdas esburacadas. Segurando o telhado há poderosas pedras que mantêm fixa toda a cobertura e serve como que de travejamento à habitação.

Dois orifícios, abertos em forma irregu-

lar, servem de porta e de janela. Todavia o acesso ao cacifo pode-se fazer por qualquer daquelas entradas.

No interior a expressão é satânica. Há figuras esquisitas que em bruscos movimentos passam da direita para a esquerda, exalando das suas pupilas laivos de fogo. Há outras que assomam ao postigo de epiderme ténida e que fogem para jamais serem vistos.

«O menage» é triste e paupérrimo. Uma cama de trapos sujos, tendo por lençóis um pedaço de serapilheira e por edredon os andrjos que cobrem as carnes dos desgraçados que residem naquela bocarra. Depois uma mesa muito velha sobre a qual se encontram pedaços de alguidar, uma panela muito ferrugenta com um odor pestilencial e garrafas revestidas de várias camadas. E logo a seguir um pote muito negro, onde a água adquire a cor da tinta de escrever, e um tacho com restos de comida do qual, em alegre convívio, dois cães e uma criança sofregamente extraem, numa babuje repugnante, pedaços de batata cozida.

E do resto do aposento nem uma nota de vida. O mesmo ambiente de tragédia exteriorizando a miséria dos desgraçados, a mesma fisionomia de catacumba estressando a necrópole.

Alfredo MARQUES

A SEGUIR

Como vestem os ricos e como vestem os pobres

O hediondo caso da Figueira da Foz

O pai da vítima faz à "Batalha" declarações que deixam seriamente comprometidas altas individualidades

COIMBRA, 6.—Demos já o relato das declarações da vítima e da mãe desta do repente atentado, cometido, segundo o vulgo, por um bacharel em direito e um conhecido titular, ambos residentes na Figueira da Foz.

Deixámos, entretanto, no sábado, o leitor preso da ansia de conhecer as declarações do pai de Margarida de Moura, o chauffeur Bento Luis de Moura.

Tivemos, no entanto, de interromper por uns dias os relatos deste caso, que têm sido discutidíssimos não só na Figueira como em Coimbra, pelo extravio de alguns papéis onde tinhamos informes importantes e imprescindíveis para o bom andamento desta campanha, o que nos obrigou a ir novamente à Figueira da Foz recolher os informes que nos faltavam.

Vamos hoje reproduzir, o mais fielmente que nos for possível, com todas as suas minudências interessantes, a entrevista que tivemos com o pai da ultrajada.

O chauffeur Bento de Moura é um homem de 55 anos, alto, forte e de aspecto agradável.

Não o conhecíamos. Isto não obsteu a que ele, conhecedor da missão que nos levava a procurá-lo, se prontificasse a atender-nos.

Bento de Moura exteriorizou, logo de começo, a sua simpatia pelo órgão dos trabalhadores, o único jornal que procura iluminar os escuros meandros desta ocorrência.

— Aqui na Figueira, nenhum jornal — informou-nos — teve palavras de recriminação contra o horroroso atentado. O sr. Gomes de Almeida, proprietário e director de O Figueirense, que está instalado aqui ao lado num dos prédios do sr. Fernando Mendes, chamada a sua atenção para o caso por alguém que lhe pediu que dele se ocupasse no seu jornal, respondeu que «não estava disposto a aturar fantochadas...»

Nem tudo, porém, está prostituído, felizmente! A constatar a atitude covarde da imprensa local, está a atitude elevada de A Batalha! — rematou o nosso interlocutor.

— Sua esposa informou-nos de que o meu amigo poderia acrescentar mais alguns pormenores curiosos e esclarecedores...

— Sim, posso. E com o maior prazer os relaterei à Batalha.

— Principiemos, então. Crê também que um dos assaltantes e brutalizadores de sua filha seja o dr. Xavier?

— Pelo menos é sobre ele que maior número de suspeitas recaí. Bastantes factos o comprometem. Tanto assim, que o agente José da Costa Queiroz, da Polícia de Investigação Criminal do Porto, que eu chamei a esta cidade, não hesitou, ao retirar-se, em afirmar que «deixava descoberto um dos autores da criminosa proeza. E indicou o dr. Xavier», informando, que havia colhido um número suficiente de provas contra ele.

Numa acareação com minha filha Margarida, a que o agente Queiroz submeteu o dr. Xavier, este, segundo o mesmo agente, mudou bastas vezes de cor e caiu em contradições flagrantes.

Dias depois, ainda segundo declarou o agente Queiroz, durante um apertado interrogatório a que este o submeteu, o dr. Xavier caiu em dizer: — O que eu acho estranho é que ela não acuse também o visconde de Montargil e que só me acuse a mim!...

Qual o motivo porque se decidiu a chamar à Figueira o agente do Porto?

— O principal motivo foi o verificar a morosidade com que as investigações caminhavam.

A morosidade e a parcialidade das autoridades a que estavam confiadas as investigações. Influíram também na minha decisão as palavras que pronunciou um dia o agente local e secretário da administração, sr. Fernandes, na administração do concelho: — En-

para o caso a claro, não se adivinha
trador não me deixa trabalhar!...

— Parcialidade, disse há pouco?...
— Sim. Que classificação se deve dar à
atitude da autoridade, que manda prender e reter durante quatro dias na cadeia
uma mulher (minha esposa), que, directamente, nada tinha com o caso, enquanto
continua deixando gozar o sol da liberdade
um cidadão sobre quem pesam graves suspei-
tas?

— Teve conhecimento do relatório apre-
sentado ao Poder Judicial pelo agente
Queiroz?

— Não. Não estava nesta cidade, quando
ele concluiu o relatório e o apresentou ao
Poder Judicial. Entretanto, escrevi já ao
agente Queiroz, pedindo-lhe o envio duma
cópia. Estou à espera de resposta.

— Qual a atitude do sr. Fernando Men-
des, padrinho da vítima? Tratou imediata-
mente, ao regressar de Paris, de contribuir
para a descoberta daqueles que lhe haviam
brutalizado a afilhada estremeçada, não é
verdade?

— Engana-se, meu amigo. Depois do meu
encontro com ele, no regresso de Paris,
em Viçago, nos meados de Setembro, nunca
mais lhe ouvi pronunciar uma palavra se-
quer sobre o caso, que revelasse o seu de-
sejo de que o mistério da ocorrência do
jardim da sua habitação se desvendasse. O
sr. Fernando Mendes, que é cunhado do dr.
Kavir, cuja casa foi assolada por um ban-
do de ladrões (!) que tentaram apossar-se
de suas pratas, para o que se desfezera
do único obstáculo, amarrando a minha
filha, não esboçou até à data um único
gesto que denunciasse o grande amor que
frequentemente afirmava votar à sua que-
rida afilhada.

Para cúmulo, pretende agora, depois de
bruscamente cortar relações conosco por-
nos fora do prédio que habitamos há
muito e do qual é senhorio.

Recebemos ordem para despejar a casa
até ao dia 15 de mês.

— Disse há pouco que falara com o sr.
Mendes em Viçago, quando este sr. regre-
sava de França. Pode dar-me uma ideia
geral da conversa que teve, então, com o pa-
drinho de sua filha?

— Sim, posso. Nos meados de Setembro,
bastante tempo depois de ter vindo a esta
cidade, encontrei-me naquela estância ter-
mal com o sr. Mendes, que, então, voltava
de passar, com sua esposa, pelo estrangeiro.

O sr. Fernando Mendes falou-me no su-
cedido na sua casa da Figueira, e eu, muito
naturalmente, perguntei-lhe como havia
tido conhecimento daquilo a que se referia,
respondendo-me que fora informado
ainda em França, ao mesmo tempo que
sabia que o dr. Diogo Xavier corria rela-
ções com o visconde de Montargil, por este
não ter ido defendê-lo das acusações contra
ele, Xavier, jornaladas...

O sr. Fernando Mendes mudou, repen-
taneamente, de assunto, mostrando-se arre-
pendido das confidências que fizera.

— Esclareça outro ponto: a pessoa ou
pessoas que ficaram encarregadas da casa
do sr. Mendes não teriam presenciado qual-
quer coisa de anormal ou sequer presen-
tado qualquer ruído estranho?

— Olhe, a pessoa que possuía a chave do
prédio é o visconde de Montargil. No pré-
dio, residia habitualmente uma alemã, dama
de companhia de D. Celeste Mendes, que,
dias antes do assalto à minha filha, alar-
mava frequentes vezes a vizinhança com a
notícia de que todas as noites presenciava
ladrões na casa. No jardim ficava sempre
uma cadela corruenta, que, no dia da
ocorrência, esteve sempre fechada numa
casa de arrecadação. Ora, é bem de ver
que só pessoa conhecida poderia ter pre-
endido a cadela. Quem e com que intuito?

Também é de notar que a cadela não la-
drasse durante a consumação do plano dos
assaltantes, sendo, todavia, de esperar que,
embora encerrada, a cadela ladrasse, desde
que apresentasse alguém que lhe fôsse es-
tranho.

Não deviam ser, porém, criaturas es-
tranhas, porque aquela que perguntou à Mar-
garida pelas pratas de seus padrinhos, sa-
bia o que pouca gente conhece: que os srs.
Fernando e D. Celeste Mendes são padri-
nhos (do crisma) de minha filha. Pouca
gente conhece esta particularidade.

O que é para notar também é que depois
do dia 22 de Agosto, o dia do hediondo
cometimento, a alemã não mais se queixasse
dos ladrões, cuja bulha de noite presen-
tiava...

Olhe, meu amigo, a minha opinião é de
que isto não passou dum plano madura-
mente estudado e posto em prática com a
cumplicidade de muita gente honesta...

Minha filha garante haver conhecido um
o dr. Xavier. Ao outro valeu-lhe o não fa-
lar, o ter-se conservado calado durante a
sena.

— Por onde supõe que os bandidos
hjam entrado no jardim?

— Por qualquer parte menos saltando os
muros do jardim, que são muito altos e só
com uma escada poderiam ser escalados.
Num local concorrido como aquele e a uma
hora daquelas, ninguém os transporia sem
ser presenciado.

Restam duas hipóteses: ou eles entraram
pela porta principal da residência do sr.
Fernando Mendes, ou pela porta da sua ga-
rage. No primeiro caso, os ladrões — como
lhe chama a imprensa honesta — deixariam
vestígios da sua passagem: arrastamentos,
etc.

— Sabe, de certeza, que não apareceram
vestígios da sua passagem pela casa do sr.
Mendes?

— Ao certo, ignoro-o, porque até hoje as
autoridades não procederam a pesquisas
naquela casa.

As autoridades que compareceram, mo-
mentos depois de se dar pelo assalto e até
o próprio sr. dr. Calado, subdelegado de
saúde local, impediram que se realizassem
as pesquisas à casa, como algum propunha,
alegando que não era preciso porque bem
via que não havia nada de anormal. Gos-
tava de saber como nasceu essa história da
tentativa de roubo...

— Vamos lá saber outra coisa: a quem as
criaturas que possuíam chaves da garagem
do sr. Mendes?

— Já lhe disse que a chave da porta prin-
cipal do prédio do sr. Mendes, ficara con-
fidada ao seu cunhado, o visconde de Mont-
argil.

Da garagem três pessoas possuíam chave:
eu, o dr. Calado e o dr. Xavier, que, dias
antes, havia conseguido que o dr. Calado
lhe cedesse uma das chaves que possuía.

— Sabe se o dr. Xavier fez alguma vez
propostas amorosas a sua filha?

— Ela afirma que nunca notou qualquer
perseguição. A minha filha mais velha é
que confessa que, tempos antes, o visconde
de Montargil a perseguia com galanteios.

— Sua filha Margarida conta que na aca-
reção com o dr. Xavier, disse cissera, num
to que queria tornar compungido?

— Olhe, eu até suponho que a vítima
era sua mãe mais velha...

— Sim, também o afirma minha esposa,
que assistiu à acaração. Não sei, contudo,
o que ele quis dizer com issoa.

O QUE VAI PELO ESTRANGEIRO

O império britânico

As tentativas de Baldwin para restituir-lhe a coesão

LONDRES, 8. — O primeiro ministro, di-
rigindo-se ao congresso anual do partido
conservador, declarou que os tratados que
garantem a inviolabilidade das fronteiras
entre a Alemanha e a França, e a Alemanha
e a Bélgica, podem ser consideradas como
um sinal de triunfo para a diplomacia bri-
tânica, que largamente se tem esforçado em
prol da paz europeia.

Proseguindo na sua exposição o sr. Bal-
dwin referiu-se ao tratado Angora, pelo qual
deram reguladas as relações com a Turquia,
e declarou que satisfatórios acordos
foram concluídos com a França e com a
Itália, acerca das suas respectivas dividas
de guerra.

O primeiro ministro disse seguidamente:
«A única ansiedade no presente momento
reside na China, onde os interesses britâ-
nicos têm sido seriamente prejudicados por
alguns dos elementos insurrectos que per-
turbam a vida daquele país, achando-se as
várias questões em via de solução, em vista
da enérgica atitude do governo britânico,
sem excluir o mais alentado espírito de
conciliação.

Referindo-se à conferência imperial, o sr.
Baldwin exprimiu a mais profunda satisfa-
ção pela esperada assistência de todos os
primeiros ministros dos domínios, e espe-
cialmente o do Canadá, após as próximas
eleições gerais.

O programa da conferência inclui a re-
visita geral da política externa e de defesa
nacional, e as questões a que dão lugar.

Especial atenção será dada ao desenvol-
vimento do sistema de comunicações e de
consultas entre os vários governos do im-
pério, em todos os assuntos de capital im-
portância e comum interesse.

Será ainda devidamente abordado o co-
mércio e as comunicações inter-imperiais.
(—L.)

O capitalismo internacional

Os inimigos de ontem abraçam-se numa aliança anglo-alemã

LONDRES, 8. — Está despertando grande
interesse entre industriais e banqueiros in-
gleses e alemães a conferência que se reali-
zará amanhã em casa do coronel Ashley, no
condado de Lam.

A conferência será secreta, afirmando-se
ter sido fomentada a sua reunião por vá-
rios membros do parlamento, interessados
em questões industriais.

Os representantes alemães chegaram esta
manhã, sendo todos eles grandes figuras da
indústria e das finanças alemãs, constituindo
o um grupo de 10 indivíduos que se defron-
tará com identico grupo britânico.

O objectivo da conferência parece ser a
criação dum entendimento entre as indús-
trias da Alemanha e da Grã-Bretanha, de
forma que a produção dos dois países seja
conduzida segundo os interesses próprios e
dos mercados mundiais, dando a mais am-
pla oportunidade de aumento de salário
aos trabalhadores dos dois países. O acôr-
do a estabelecer seria válido por dois anos.

O problema de Tanger

Vão reunir-se as potências interessadas

FARIS, 8. — Considera-se como provável
que o problema de Tanger volte muito em
breve ao tablado da política internacional.
Dentro de algumas semanas serão iniciadas
as respectivas negociações, devendo os
signatários do Estatuto de 1923 trocar as
suas opiniões acerca da sua possível modi-
ficação a favor da Espanha. Segundo se
afirma, o governo italiano é de opinião que
as respectivas negociações comecem dentro
de 15 dias. (—L.)

A aviação

Nova viagem do "Los Angeles"

WASHINGTON, 8. — O dirigível "Los An-
geles", o único que resta da frota aérea ame-
ricana, foi autorizado a fazer uma viagem
que será dirigida pelo comandante Ros-
dahl, sobrevivente do desastre de Shanand-
oah. (—H.)

Várias notícias

A "Humanité" foi processada

PARIS, 8. — O governo ordenou o pro-
cessamento do jornal "L'Humanité" pela pu-
blicação de artigos anti-militaristas. (—L.)

Os bens dos príncipes alemães

Berlim, 8. — Um novo projecto de com- promisso entre o governo da Prússia e os príncipes da família Hohenzollern foi as- sinado ontem à noite, acerca da expropria- ção dos seus bens. (—L.)

Um caso estranho

MOGUNCIA, 8. — Um ciclista, cuja identi- dade se desconhece, atacou a tiro de re- volver dois oficiais subalternos do exército francês que sossegadamente se dirigiam ao seu quartel. Um dos oficiais ficou ligeira- mente ferido. (—L.)

A situação de Miguel Correia

A Comissão Executiva da Federação Ferroviária esteve ontem tratando, na pre- sidência do governo e no ministério do In- terior, da situação de Miguel Correia, que se encontra em Cabo Verde, e do seu re- gresso à metrópole.

EXCURSÕES

Promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista do Porto realiza-se amanhã à praia da Granja um passeio de confraterni- zação e de propaganda. Espera a comissão que os jovens se façam acompanhar de suas irmãs e companheiras. Na sessão que se efectuou na praia da Granja foram lidos palavras elementos libertários e do grupo feminino "Luís Michel" e da Juventude Sindicalista. Realizar-se-há também um in- teressante "pic-nic".

Os excursionistas partem da estação de
São Bento, às 10 horas prefixas.

— Tem mais alguns pormenores de in-
teresse a relatar?

— Por hoje, disse tudo. É possível, no
entanto, que daqui a dias se possa acres-
centar alguma coisa mais.

Estava concluída a entrevista que há dias
vimos prometendo aos leitores.

O público tirará destas declarações do
pai da vítima de dois brutamontes encasa-
cados as ilacções que entender.

Não deixaremos o caso por aqui. Em
breve voltaremos ao assunto. —C.

O conflito entre os em- pregados da Carris e os vendedores de jornais

A cerca do lamentável incidente havido
entre vendedores dos jornais e empregados
da Carris recebemos do Sindicato destes
últimos a seguinte nota que passamos a re-
produzir:

«Os Empregados da C. C. de Ferro de
Lisboa reuniram-se em assembleia magna no
dia 7 do corrente, pelas 20 e meia horas,
para tratar expressamente do conflito la-
tente entre vendedores dos jornais e con-
dutores dos electricos, estando a assembleia
na disposição de terminar de vez com este
conflito, visto que não prestigia nenhuma
das classes em litigio.

Chegando nós à transigência de quando
se desse o caso, de qualquer passageiro
precisar de comprar um jornal e que esse
passageiro fosse sentado no interior do
carro, nós pagamos o jornal ao vendedor
e levá-lo ao passageiro.

Não podendo nós resolver o caso de os
vendedores entrarem livremente nos carros
pois que a Companhia deu ordens termi-
nantes para que não fosse permitida a en-
trada nos carros a vendedores de qualquer
espécie com o fim de fazerem negocio.

Todas estas resoluções tinham sido apro-
vadas, visto nós não possuímos a minima
aversão contra os vendedores de jornais, se
dois delegados da Liga dos Vendedores de
jornais se encontravam presentes e que
tinham mostrado desejos de fazer algumas
referências não fossem ríspidos, e pouco
correctos para com a assembleia que com
tanta deferência os recebeu.

Lamentamos bastante que casos desta na-
tureza se deem entre trabalhadores, mas é
nossa opinião que se a imprensa mercenária
não especulasse com o assunto em
questão nunca teríamos chegado a este
ponto, pois que as empresas fingem defen-
der os vendedores de jornais quando só
defendem os seus interesses.

Mais resolvemos protestar contra a ma-
neira pouco séria como informaram a im-
prensa, os delegados acima referidos.

Publicamos lealmente a nota que os nos-
sos leitores acabam de ler, mas não podê-
mos deixar de lhe fazer alguns comentários.

Estamos convencidos de que entre os
empregados da Carris muitos haverá que
não concordam com a perseguição que se
está movendo aos vendedores dos jornais,
que são trabalhadores merecedores de todo
o respeito.

Temos assistido à maneira muitas vezes
brutal, como certos empregados tratam
crianças que lá andam mourejanço em tão
tenra idade e não podemos deixar de con-
dená-la.

A justiça está toda ao lado dos vendedo-
res e não seria demais que o Sindicato dos
Empregados da Carris a reconhecesse ins-
tando a propria junto da companhia pela
revogação da absurda ordem.

Esperamos que uma rajada de bom senso
leve os empregados a tomar uma atitude
mais conforme com os princípios de soli-
diedade que devem unir todos os tra-
balhadores.

No Sindicato de Empregados de Comércio e Indústria

(Continuação da 1.ª página)

gos Gonçalves, delegado da Câmara Sindi-
cal do Trabalho. O orador, em frases repa-
sadas de revolta, referiu-se aos motivos que
determinaram o aumento do preço dos gé-
neros, produzindo uma série de interes-
santes considerações que calaram bem no
espírito da assembleia.

Enquanto não se tomarem medidas enérgicas os açambarcadores não arrearão caminho

Dissertou a seguir o orador sobre o
açambarcamento dos géneros afirmando
que enquanto não se tomarem medidas enérgicas,
os açambarcadores não arrearão caminho.

A sessão em Chelas

A sessão de protesto contra a carestia
da vida que estava marcada para domingo
em Chelas fica transferida para quando se
anunciar.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

É o título do n.º 10 da interessante colec-
ção de novelas que se publicam em língua
espanhola sob o título genérico de "Novela
Social", encontrando-se à venda na nossa
administração ao preço de \$50. Pelo co-
reio \$70.

SOLIDARIEDADE

Em favor de Mabilia Silva Marques Pinto

No Salão de Festas da Construção Civil
realiza-se hoje, com início às 21 horas, uma
grandiosa festa em favor de Mabilia Silva
Marques Pinto, que se encontra enferma e
a quem os médicos aconselharam a retirar
de Lisboa.

Nesta festa que está a cargo do muito
aplaudido Grupo Dramático Solidariedade
Operária, representar-se-há o emocionante
drama em 4 actos "Silvio, o cigano" e ha-
verá um deslumbrante acto de variedades.
Digna-se arbrilhante o espectáculo a
troupe de bandolinistas 1.º de Maio.

TIVOLI

Telefone 11.5474
As 21 horas
PENÚLTIMA EXIBIÇÃO

Rómula

Superfilm em 2 jornadas (completo)
(Reconstituição da Floresta dos Medicis)
Fotografias autênticas de Pisa e de Florença
MILHIM GISH na protagonista
Dorothy Gish (Tessa), William Powell (Tito),
Herbert Grimwood (Savonarola)

As maravilhas do telégrafo submarino

Curioso "film" educativo em 2 partes.

Uma ciné-farça

Bonecos desenhados

Um documentário português
Amanhã—Matinée às 3 horas

A Colónia Balnear Infantil do Porto Brandão

Recebemos o seguinte comunicado:

«A Colónia Balnear, dos filhos dos pres-
os e deportados, que o Socorro Vermelho
mantém no Porto Brandão, tem sido muito
visitada por elementos operários e liberais.
A Direcção da "Voz do Operário", que na
terça-feira a visitou, veio optimamente im-
pressionada, deixando uma carta enalte-
cedora a obra realizada.

Amanhã, continua a referida Colónia pa-
tente ao proletariado.

De meia em meia hora há carreiras de
Belém para o Porto Brandão.

Os operários que ainda não visitaram es-
tas pequenas vítimas da luta de classes
podem, pois, fazê-lo amanhã, último do-
mingo, o funcionamento desta interessante
obra de solidariedade de classe.

O Comité Central do Socorro Vermelho,
tendo em atenção que alguns dos organi-
smos operários a quem convidou a visitar a
Colónia Balnear Infantil no passado do-
mingo, o não poderam fazer em virtude do
relevo convite lhes ter chegado tarde,
convida-os, por este meio, a fazê-lo amã-
nhã.

TEATROS

Está prestes a atingir-se no Eden Teatrô,
a centessima representação da revista «Ca-
baz de morangos». E, pelo menos, até lá,
pode garantir-se que a famosa peça será
abrilhantada, apenas, com os numerosos
atrativos com que conta.

— Quem quer passar numa noite diverti-
díssima, não hesite: vá ao novo teatro Va-
riedades, do Parque Mayer, ver o Carlos
Leal, no «Saricóte», o impagável «compê-
re» da revista.

— Kosika Frandja é uma admirável bailari-
na internacional que tem obtido os maiores
éxitos nos melhores teatros europeus. A
sua estreia, que hoje se realiza no Foz, vai
ser um novo triunfo que se repetirá em
todas as tardes e todas as noites do seu
contrato.

É sempre delirantemente aplaudida a for-
midável completista cómica e de fantasia
Pitusilla que ainda ontem obteve um enor-
me sucesso no novo «charleston» Amor,
letra de Gomes Júnior e música do maestro
Cruz e Sousa. E continua em pleno êxito
Teresa de Avila.

«A Foz Melody Band» acompanha todos
os números, abrindo o espectáculo com
um interessante «film».

Agredido à facada

No Banco do hospital de São José, rece-
bera curativo e seguiu para casa, Adelberto
Fernandes, de 20 anos, natural de Setúbal,
criado de mesa, residente na estrada de
Sacavem, 104, que na rua Moraes Soares,
foi agredido por um indivíduo que lhe vi-
brou uma facada nas costas.

Ao apaar-se dum eléctrico

Na enfermaria n.º 2 do hospital do Des-
terro deu entrada João Nunes, de 83 anos,
apontado do exército, natural de Gois,
residente na rua Machado de Castro, 10,
que, ao apaar-se de um eléctrico, na rua
Augusta, caiu, fracturando uma perna.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-
tar, em folheto, o decreto 5.316, de 7 de Maio
de 1931 e respectivo regulamento publicado no
Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horá-
rio de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$51.
Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade
far-se-á um abastecimento de 50 por cento em pe-
quenos de 50 folhetos.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 15 h.—Soirée às 8,45 h.

Kosika Vrandja

Grande êxito da notável estrela do «couplet»
Pitusilla

Teretisa de Avila

Concerto pela FOZ MELODY BAND

No écran: «Loucura numa noite» (8 partes)

Um protesto justo

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«A pauta operária actualmente em exer-
cício no Tribunal dos Accidentes no Trabalho
do Porto, reconhecendo a grave falta
cometida pela maioria dos srs. vogais das
pautas patronal e médica, em virtude de
não comparecerem às respectivas audiências,
impossibilitando assim o funciona-
mento daquele tribunal, lava o seu veemen-
te protesto, interpretando assim a justifi-
cada indignação que se vem notando em
todos os sinistrados, visto que constante-
mente vêm adiadas as audiências, facto
que causa grandes prejuizos.

Mais espera que o dig.º juiz presidente
do tribunal cumpra rigorosamente o que a
lei determina em circunstâncias desta na-
tureza. — António Teixeira, Joaquim do
Carmo Moreira Costa, Mário Teixeira de
Carvalho, José António Vaz Osório, Al-
bertino Ferreira, Alberto Alves Carneiro.»

CONFERÊNCIAS

«Higiene social»

No próximo domingo 10, pelas 21 horas,
realiza-se no templo Adventista, rua Jacu-
into Bonifácio, M A, uma conferência su-
bordinada ao título «A Higiene Social pe-
rante a Bíblia» onde serão tratados os
múltiplos problemas da higiene social.

MALAS POSTAIS

Foi adiada para hoje a expedição de ma-
las postais pelo paquete inglês «Andes»
para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos,
Montevideo e Buenos Aires, sendo da Estação
Central dos Correios a última tiragem da
correspondência ordinária às 11 horas e
fechando os registos às 9 horas.

Por via Algeiras e Gibraltar também se-
guem malas postais para a ilha de Timor,
efectuando-se a última tiragem às 17,40
horas.

LUTA DE CLASSES

O Sindicato da Construção Civil de Visen trabalha activamente pelo cumprimento do horário do trabalho

O Sindicato da Construção Civil de Vi-
sen, tendo nomeado os seus fiscais da Lei
do Horário de trabalho, tem constatado
com satisfação os belos resultados obtidos,
porquanto quasi todos os construtores que
nas suas obras e oficinas transgrediram o
decreto n.º 5.516 e seu respectivo regula-
mento têm entrado na ordem, à excepção
de dois mestres carpinteiros contra os
quais o Sindicato fez a participação às au-
toridades locais, as quais foram chamadas
ao comissário geral da policia tendo esta
entidade declarado aos fiscais Manuel Vi-
riato e Francisco Narciso e dos transgres-
sores que estes não podiam transgredir a
lei; por esta vez fazia-lhes uma simples
advertência mas caso reincidissem procede-
riam em harmonia com a que o própria lei
estabelece.

O Sindicato continua por intermédio dos
seus fiscais a fazer entrar na ordem aque-
les que a não lembrando que existem mil-
lhares de operários da construção civil que
não tem onde empregar a sua actividade
profissional, exploram os seus assalariados
fazendo-os trabalhar mais horas do que a
lei determina.

O conflito mineiro em Inglaterra

LONDRES, 8. — A conferência dos de-
legados mineiros aprovou por unanimidade
uma moção rejeitando categoricamente as
propostas governamentais para solução do
conflito carvoeiro, em face dos relatórios
dos distritos que apresentavam uma maio-
ria de 695.000 votos contra as propostas
Baldwin. (—L.)

Câmara Municipal de Lisboa

Comissão do Recenseamento Militar

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid, cheque	2994	
Paris, cheque	556,5	
St. Petersburgo, cheque	556,5	
Bruxelas, cheque	556,5	
New-York, cheque	1958,5	
Amsterdã, cheque	7584	
Itália, cheque	7584	
Brasil, cheque	2590	
Praga, cheque	558	
Suécia, cheque	5824	
Austria, cheque	2577	
Berlim, cheque	4567	

ESPECTÁCULOS

Teatros	Horários
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Cabaz de morangos	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Orlas	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Variedades	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Saricote	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Espectáculos 3, 5, 7, 9	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Espectáculos 3, 5, 7, 9	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Espectáculos 3, 5, 7, 9	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Espectáculos 3, 5, 7, 9	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Espectáculos 3, 5, 7, 9	
Alfama — As 20,45 e 22,45 — Espectáculos 3, 5, 7, 9	

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são de primeira qualidade e de preço muito mais barato. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

Motocicletas SUN, B S A.
Bicicletas SUN, B S A.

Accessórios — Contadores para água — Gramofones — Discos — Artigos de futebol — Bicycles — Onix — com uniões, 600\$000.

P. COELHO
Trav. de São Domingos, 28 — LISBOA

Banco de Portugal

O Conselho de Administração resolveu retirar da circulação, desde esta data, as notas de 100\$000 Réis, Ch. 2.ª, Ouro, deixando portanto de serem válidas para a circulação, efectuando a sua troca na Tesouraria da Sede do Banco em Lisboa e na das suas Delegações desde o dia 11 do corrente até 9 de Dezembro p. futuro.

Lisboa, 8 de Outubro de 1926.

Pelo BANCO DE PORTUGAL

Os Directores
Manoel Casal Ribeiro Carvalho
José Caeiro da Matta

NOVIDADE LITERARIA

“A Peregrina”

— DO —

Mundo Novo”

NOVELA POR

Ferreira de Castro

A' venda nesta Administração

Esc. 6\$00

LITERATURA REVOLUCIONARIA

EM CASTELHANO	
Maximo Gorki	
Como se forja um Mundo Novo	6\$00
Cuentos de Italia	6\$00
La vida de um Homem incesante	6\$00
Wladimir Korolenko	
El Imperio de La Muerte	6\$00
Dr. G. Faydoux	
La vida tragica de los Trabajadores	10\$00
Jean Masejan	
La Educación Sexual	10\$00
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade	9\$00
E. Reclus	
La Montaña	6\$00
El Arroyo	6\$00
Octavio Mirbeau	
El Calvario	6\$00
P. Kropotkin	
La etica, la revolucion e el Estado	6\$00
Luis Fabry	
Crítica revolucionaria	6\$00
H. Malatesta	
Ideário	6\$00
F. Dostoyevsky	
Los Hermanos Karamazov	9\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escritores revolucionarios — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECCÃO DO SUL E SUESTE

Serviço de Armazens Gerais

Concurso para a adjudicação da compra de azeite e óleo para iluminação

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 12 do próximo mês de Outubro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 30.000 quilos de azeite de oliveira em 6 lotes de 5.000 quilos e 30.000 quilos de óleo para iluminação.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que effectou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do ultimo dia útil anterior ao do concurso o depósito de 800\$00 por cada lote de azeite e 2.250\$00 para o óleo.

O concorrente a quem for feita a adjudicação, terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para pagar 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de effectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais, que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correo Velho, 17, 1.ª, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 20 de Setembro de 1926. — O engenheiro chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Freixo Terenas.

FABRICA

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

BELTRÃO, LIMITADA

FABRICA DE ROUPARIA PARA HOMENS E SENHORAS

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

Novas baixas de preços para descongestionamento dos nossos enormes stocks

ROUPA PARA SENHORA	ROUPA PARA HOMEM
Camisas em linho opal, branco e de cores, lindamente bordadas à mão	Camisas em linho opal, branco e de cores, lindamente bordadas à mão
Camisa de dia	Camisa de dia
Camisa de noite	Camisa de noite
Combinação	Combinação
Em bom pano branco inglês, com barras de cor em opal, alças de ajourete, lindamente enfeitadas a sêr	Camisas em popeline, de lindos desenhos, com 2 colarinhos, nos preços de 4200, 4400 e 4600
Combinação	Camisa riscado Virela, de lindos desenhos, com colarinho pegado, muito bem fabricada a
Combinação	Gravatas, desde 2600
Camisa de dia com barras	Suspensórios, desde 1400
Camisa de dia em branco	
Calça	

Grande saldo de retalhos de popelines, zefires, crepes e percais

Até ao fim do ano, nas compras superiores a 500\$00, cinco por cento de desconto!!! O verdadeiro bônus!!! Depois de se terem informado dos preços da concorrência, visitem a nossa fábrica mesmo só a título de verificação.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis “Citroën” (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garagem Rua Almirante Barroso, 21

ALPARGATAS

Sola de borracha, cozidas interiormente — Marca “IRROMPIVEL”

A' venda nos bons estabelecimentos:

Fabricantes e vendas por grosso:

Raúl Ferreira

Rua. Moraes Soares, 56

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os generos, jazigos em todos os generos, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A BATALHA.

FATOS completos e sobretudo

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudo, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Nariz — As 5 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Rins, vias urinarias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele, sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e as 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 9 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das mulheres — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cancro e radio — Dr. Gabriel de Melo — 4 horas.

Kelo X — Dr. Alen Salgueira — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

“A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Jorge Teixeira, — Gatunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro) 25\$00

Juliano Quintinha — Visinhos do Mar 8\$00

Cavalgada do Sonho 8\$00

Terras de Fogo 8\$00

Dor vitoriosa (novela) 2\$25

Laisant — Iniciação matemática 5\$00

Malvert — Ciências e Religião 10\$00

Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela) 2\$25

Anastácio José (idem) 2\$25

Manuel Ribeiro — Poder redentor (novela) 2\$25

Nogueira — O Jardim dos Suplicios 4\$00

Mirbeau — O Jardim dos Suplicios 4\$00

Memorias de Angela Pinto 15\$00

Sangue Fido (novela) 2\$25

Não, diz a Lei (novela) 2\$25

Pargame — Origem da vida 8\$00

Olivera Martins — Helenismo e a Civilização Grega 15\$00

Helenismo e a Civilização Grega 15\$00

História da Civilização Ibérica 15\$00

História da República Romana (2 volumes) 30\$00

História de Portugal (2 vols) 30\$00

Raças Humanas (2 vols) 30\$00

O Brasil e as Colónias Portuguezas 15\$00

Cartas Peninsulares 15\$00

Sistema dos mitos e ficções religiosas 15\$00

Orlando Marçal — Aguas claras 6\$00

Imagens de Sonho 1\$00

Raul Brandão — Os Pescadores 10\$00

Os Pobres 10\$00

O Teatro 8\$00

Spencer — Da Educação (br. 500) enc. 8\$50

Seabra de Campos — Dois tiros (novela) 2\$25

Tolstoi — A sonata de Kreutzer 4\$00

Ana Karenine 5\$00

Toulouse — Como se deve educar o espirito 4\$00

Wenceslau de Moraes — Dai-Nippon 12\$50

Victor Hugo — França e Belica 10\$00

O Reno (2 vols) 15\$00

Os Miseraveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados 40\$00

Zola — A Taberna 12\$00

Tereza Raquin 8\$00

Alegria de viver (2 vols) 8\$00

A conquista de Plassans, (2 vols) 8\$00

Fecundidade 20\$00

A fortuna dos Rougons, (2 vols) 8\$50

Uma página de amor 9\$00

Dr. Pascal 8\$00

FOLHETO

Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja 1\$00

A Evolução legal e a anarquia 3\$00

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura 5\$00

José Prat — A burguesia e o proletariado 5\$00

A necessidade da Associação 5\$00

Contant — Contra o confusãoismo 5\$00

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social) 5\$00

Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social 3\$00

Landauer — Social Democracia 3\$00

R. Mela — O principio do fim 3\$00

A maçonaria e o proletariado 3\$00

J. Most — Peste religiosa 5\$00

João P. do Rio — Definições sociais 5\$00

Horas anarquistas (versos) 5\$00

Trovas da Noite 1\$00

Roberto, o pescador 1\$00

Memórias do Parque de São João do Forte 7\$50

Carnet de Pensamento 2\$00

J. Bakunine — O sentido em que se movem os anarquistas 5\$00

Chueca — Como não ser anarquista 5\$00

Lazare — A Liberdade 5\$00

B. Etrivant — A minha deusa 5\$00

Kropotkin — Os bastidores da guerra 3\$00

Moral anarquista 5\$00

O espirito revolucionário 5\$00

O estado e o seu papel histórico 1\$50

J. Guedes — Lei dos Salarios 5\$00

Briand — A greve geral 5\$00

Roland — Rússia Nova 5\$00

O socialismo e os intelectuais 5\$00

D. Carvalho — A gestão sindical no periodo revolucionário 5\$00

A. Hamon — A crise do socialismo 5\$00

J. Santos — A transformação da sociedade 5\$00

Neno Vasco — Georgicas 3\$00

Greve de inquilinos, teatro 1\$00

Proletariado Histórico 1\$00

FATOS

A 220\$ feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 85.

o ouviu do exterior: — Vitória! — A Bastilha foi tomada! — Abaixo a corte! — Abaixo os traidores! — Abaixo o rei! — Morra a rainha! — Viva a nação! Pouco a pouco diminuiu e se extinguiu esse alarido. — Está tomada a Bastilha... mas quanto sangue custou esse heróico feito! pensava Carlota, esforçando-se por dominar as suas apreensões a respeito de João Lebrenn. Depois, levando o lenço à boca para sufocar um soluço, pensou: — Talvez ele morresse... Meu Deus! tende compaixão da minha dor!... — Que gritos são estes, meu amigo? perguntou a sr.ª Desmarais. Então o povo tomou a Bastilha?... os operários venceram o exército?... A que tempo chegamos!... — Foi tomada a Bastilha! Maldito dia! Venceu o povo. Carlota escutava, espantada, as queixas de seu pai contra a vitória que o povo acabava de obter; mas, antes que tivesse tempo de perceber esta mudança nas ideias do pai, entrou a criada Gertrudes exclamando: — Ainda uma boa noticia... A tia Lebrenn, nossa vizinha, mandou cá um dos aprendizes dizer-nos que recebeu um bilhete de seu filho depois da batalha, porque ele é um dos vencedores da Bastilha. — João Lebrenn! exclamou Desmarais furioso, o desgraçado tomou parte na insurreição? — Se tomou! tanto que foi ferido com um tiro no ombro, mas ligeiramente. A digna mulher espera seu filho dum instante para o outro, e mandou o aprendiz para socorrer o senhor e a senhora que tanto se interessam por aquele pobre João. — Responda a mãe do sr. João, que eu não me interesso pelos cúmplices de matanças horríveis, responde com impeto Desmarais. Mas depois, dominando a sua voz, acrescenta: Escusa de transmitir a essa mulher palavras que indignado não pude conter; diga ao aprendiz que deu o recado, e que... que... está bem. — Antes essa resposta, diz Gertrudes saindo.

— O quê! nem uma palavra de compaixão, pensava Carlota com espanto, porque julgava seu pai em comunidade de princípios com o jovem serralleiro. Ah! ao menos,

A BATALHA

A ACÇÃO DA A. I. T.

Realizou-se em Paris uma importante conferência das centrais aderentes à Associação Internacional dos Trabalhadores

O que foi essa magna assembleia, segundo as atas das respectivas sessões

Perante esta situação precária, será necessária, será preciso considerar as possibilidades dum trabalho comum entre os camaradas franceses e os sindicalistas imigrantes na França. A. C. G. T. reformista e a C. G. T. U. têm o seu programa.

Temos aí um vasto campo de trabalho, mas não se poderá fazer, se não se marcha de mão dada com os nossos camaradas franceses.

Se tivéssemos muitos sindicalistas entre os imigrantes, teríamos uma força muito grande. Vamos pois tentar examinar alguns remédios: o primeiro é, julgo eu, constituir em Paris um comitê de acção, ramificação do secretariado de Berlim, comitê que englobaria as forças italiana, espanhola e portuguesa, e, se isso for possível, os franceses também. Ou então incorporar-se há estas três forças nas organizações francesas, mas isso é uma outra questão. Sem isso, é a falência absoluta de todos os nossos esforços, e eu não quereria associar-me mais tempo a um trabalho negativo que conduzir-nos há a nada, e que não nos deixaria sequer confiança em nós próprios! O segundo remédio está na força da A. I. T. na França.

Mas é preciso absolutamente resolver a questão italiana, porque sem isso nada poderemos fazer. Nada temos nem jornal oficial, nem dinheiro. O pouco dinheiro que podemos dar os I. W. W., nós não queremos que fique em França, queremos que sirva para a propaganda interna na Itália. É preciso que a porta-bandeira da U. S. I. não desapareça completamente na Itália. Se os sinais de vitalidade da U. S. I. desaparecerem na Itália, deixaremos de ter o direito de falar no estrangeiro.

Seria pois lamentável para nós, romper com os I. W. W., que nos têm sempre auxiliado.

É preciso enfim considerar todos os meios para manter o espírito revolucionário dos meios italianos na França por *journaux* de propaganda, edição de jornais, etc.

Persici, italiano, dá um resumo dos métodos italianos de luta de classes, particularmente na Construção Civil.

Borgli, continuando, diz: A C. G. T. italiana tem o seu delegado oficial na C. G. T. francesa. Tem o seu jornal, e faz *journaux* em toda a França. Todo o movimento italiano está aqui. Os socialistas têm igualmente o seu movimento. Os comunistas igualmente na C. G. T. U. Os anarquistas têm os seus grupos aqui.

Persici—Muitos camaradas italianos estão organizados nos sindicatos franceses, e fazem pesados sacrifícios.

Souchy—Conhecemos a situação lamentável em que se encontram os camaradas italianos. A A. I. T. deve, pois, auxiliar estes camaradas aqui.

Tentámos fazer alguma coisa; fizemos apêlos, etc. Vou exprimir o meu ponto de vista sobre a questão. Quando vemos por exemplo os camaradas espanhóis que publicaram um jornal que tirou perto de 10.000 exemplares, não têm os italianos possibilidade de fazer qualquer coisa sem se apoiar unicamente no exterior? Se os 2 ou 3.000 membros da U. S. I. da Itália estiverem convosco aqui, poderiam fazer qualquer coisa. Não compreendo que não se possa atrair sindicatos entre todos os italianos que estão aqui.

Besnard—É preciso ir ao fundo deste problema, porque a situação feita na hora actual aos nossos camaradas italianos e espanhóis, mas particularmente italianos é tal, que eles não são de todo responsáveis de nada ter feito, porque nada podiam fazer.

Se por exemplo a U. F. S. A. que existe no papel há dois anos, se tornasse uma realidade viva; se ela tivesse uma sede permanente, se pudesse, por conseguinte, dar hospitalidade aos nossos camaradas italianos, estes poderiam fazer bom trabalho aqui.

Pertencem em grande maioria aos sindicatos da construção civil, que estão fora da U. F. S. A., porque a combatem. Não sabem porque, não é por razões de princípios, pois que tem os mesmos que os nossos. Por conseguinte a fraqueza do movimento italiano dimina da própria impossibilidade de acção dos camaradas franceses que se colocam no mesmo plano dos italianos no domínio da acção. Esta questão só pode ser resolvida dum maneira: com a existência da U. F. S. A. tornando-se qualquer coisa na França. Há a este respeito uma grave questão a examinar.

Com efeito, pergunta-se se os nossos camaradas italianos, espanhóis, portugueses e os outros, ao mesmo tempo que certos camaradas franceses que estão na Federação da Construção Civil, onde, em suma, utilizam o seu dinheiro para uma tarefa que não é a sua; pergunta-se, se devemos ir para uma nova scisão, que é mais moral do que material. Devemos pedir aos nossos camaradas franceses dos Sindicatos da Construção Civil da França inteira, do Sindicato Único da Construção Civil da região parisiense, de aderir à U. F. S. A., e no caso de recusa, constituir uma federação de Construção Civil autónoma, à qual poderiam aderir, por afinidade de doutrina, os nossos camaradas italianos e espanhóis.

No meu relatório, faço notar que chegamos a este ponto de ser obrigados a solucionar este conflito com os camaradas da Construção Civil. Os nossos camaradas estrangeiros estão, de facto, fora do movimento sindicalista francês.

Vamos pois ser obrigados a dirigir-nos a isso muito rapidamente, por cima das organizações dos sindicatos da construção civil de todo o país e da região parisiense, perguntando-lhes, se querem ou não aderir à U. F. S. A., e as coisas não irão sós se nós chegarmos a este ponto! Creio, que criando, ainda que isso seja dum necessidade absoluta, sindicatos que seriam na maior parte compostos de estrangeiros, surgiriam ainda conflitos nas obras entre os camaradas estrangeiros e os membros da Federação Autónoma da Construção Civil.

INSTRUÇÃO

Curso de Profissional de Escrição

Continuam abertas as matrículas para a admissão de alunos no 1.º e 2.º ano do Curso de Profissional de Escrição criado pela Associação de Classe de Empregados de Escrição. Este curso é constituído pelas seguintes disciplinas: português, francês, inglês, contabilidade, escrituração e geografia.

Na secretaria do curso, rua da Madalena, 225, 1.º, prestam-se todos os esclarecimentos nos dias úteis das 21 às 23 horas.

Secção Telegráfica

Federações

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico de Évora.—Segue expediente e ofício.

Comitê Metalúrgico de Propaganda no Norte.—Seguem 50 folhas de papel timbrado: o vosso ofício baixou ao conselho.

Sindicato Metalúrgico do Porto.—O ofício respeitante ao cumprimento do horário de trabalho, baixou ao conselho.

Sindicato Metalúrgico de Aljustrel.—Ainda esperamos resposta ao ofício enviado em 3 do mês transacto.

CRISE DE TRABALHO

Compositores Tipográficos

Convidam-se todos os desempregados e grevistas do *Correio da Manhã* que necessitem de subsídio a inscreverem-se hoje, das 18 às 21 horas, na sede do Sindicato, Rua António Maria Cardoso, 20.

Igualmente se convida os colegas que tenham listas em seu poder a fazer entrega às mesmas horas e a quem por isso não foram enviadas os apêlos devem abrir quetes a favor dos sem trabalho e grevistas.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500. A obra mais barata que da geração se publica

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Reúne hoje o Conselho de Delegados, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Descarregadores de Mar e Terra.—Reuniu-se a Direcção, tendo apreciado o conflito entre um grupo de descarregadores e a Companhia Nacional de Navegação. O secretário geral expôs as «démarches» realizadas para se solucionar o conflito, resolvendo a Direcção tomar as medidas necessárias para que tais casos se não repitam.

Foram lidas as circulares da Câmara Sindical do Trabalho, em que convidava este sindicato a tomar parte no Congresso de Lisboa. A Direcção resolveu em princípio propor à assembleia geral a ida do sindicato para a assembleia geral a uma condição de todos os sindicatos terem voto deliberativo.

Tomou conhecimento de que cinco sindicatos desobedeceram às determinações da última assembleia geral, indo trabalhar na companhia do trabalhador jardineiro, resolvendo-se que a esses cinco indivíduos sejam aplicadas as sanções já aprovadas e que se publique os seus nomes em *A Batalha*, assim como de todos os encarregados. Os amarelos são os seguintes: «Alfama», Francisco de Oliveira Muge (Cará Larga), Gabriel (Cegunho), João Baptista, Germano da Silva e «Capelas». A todos estes indivíduos não devem os encarregados de contar, sem que a próxima assembleia resolva em definitivo a sua situação.

Já no fim da reunião, tomou-se conhecimento de que o conflito com a Companhia Nacional de Navegação estava em vias de solução.

Litógrafos e Anexos.—Reuniu-se a Comissão Administrativa tratando de vários expedientes, entre eles correspondência dos litógrafos do Porto informando as fases do movimento da Litografia Nacional. Foi resolvido convocar a classe a uma assembleia geral para o próximo dia 13, pelas 20 horas, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte: Nomeação dos delegados à Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, à C. S. T. e ao futuro congresso; Adesão ao congresso; Apreciação sobre a crise de trabalho e carestia da vida. Também foi resolvido que se a hora marcada não houver número fixa a mesma assembleia para o mesmo dia, pelas 21 horas, em 2.ª convocação, não havendo porisso convite prévio.

Federação da Construção Civil.—Reuniu antemão a comissão administrativa tendo apreciado um ofício da Secção Federal de Propaganda no Sul, comunicando existir presentemente a probabilidade de reorganizar-se o Sindicato da Construção Civil de Olhão, sendo resolvido dar à Secção todas as facilidades para que tal consiga.

Apreciado um ofício do Sindicato da Construção Civil de Viseu, congratulando-se a comissão administrativa desta Federação com a acção desenvolvida pelo referido Sindicato tendente ao cumprimento do horário de trabalho.

Foi apreciado o relatório dos delegados da Coimbra foram assistir às sessões pró-reorganização do Sindicato da Construção Civil daquela cidade, reconhecendo-se ser satisfatório o resultado obtido, porquanto o Sindicato ficou como era desejo desta Federação reorganizado, e com tendências a readquirir a sua antiga vitalidade.

Por último foram tratados assuntos de carácter administrativo.

Na última reunião do Conselho Federal desta Federação realizada na quarta e quinta-feira da p. p. semana, foi apreciado e aprovado o relatório da comissão revisora de contas respeitante ao 2.º trimestre do corrente ano.

Foram indicados Inácio Marques e José Casquilho para ocuparem as delegacias vagas respectivamente dos Sindicatos de Tires e Horta, Açores; o primeiro destes camaradas ocupava no Conselho Confederal a delegacia do Sindicato de Ponte de Sôr que por motivo de há muito não dar sinal de existência lhe foi retirada a representação na Federação; o segundo ocupava a delegacia directa do Sindicato de Tires ao qual pediu a sua demissão que lhe foi aceite pelo referido Sindicato.

Foi nomeada uma comissão que ficou constituída por Alberto Dias, Francisco Fernandes e Jorge Mateus para esclarecer a veracidade da parte do relatório enviado à Câmara Sindical do Trabalho do Porto pelo seu ex-delegado da C. G. T., e que a um dos delegados desta Federação se refere.

Foi apreciado a acção da organização da Construção Civil em Portugal desde 1890 até à data presente, relatório este a enviar à comissão organizadora da conferência pró-constituição da Federação Internacional dos Trabalhadores da Construção Civil.

Foi apreciado um ofício da Federação da Construção Civil de França, tendo o Conselho Federal no respeitante a assuntos internacionais tomado resolução que estão pendentes de nova reunião para na devida oportunidade se lhe dar publicidade.

Foi aprovado um protesto contra a deportação do nosso camarada Miguel Correia prestimoso militante da classe ferroviária, e por último foram tratados assuntos de carácter interno.

S. U. C. C. — Secção de Pintores.—Reuniu-se a Comissão Administrativa. Entre outros assuntos resolveu convidar os camaradas em atraso de cotas a pagá-las no prazo de 15 dias a contar da publicação desta, para o que se encontra um membro da comissão todos os dias úteis, excepto os sábados.

Secção dos Pedreiros.—Esta secção convidou todos os camaradas que ficaram com bilhetes a favor da Caixa de Solidariedade da Federação das Juventudes Sindicalistas a virem hoje prestar as suas contas, pois se encontra patente uma comissão, das 21 às 23 horas.

Impressores Tipográficos.—Todos os sindicatos devem reclamar ao cobrador a entrega de *O Gráfico*.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE

Maquinistas Fluviais.—Para eleição de cargos vagos, apreciação de trabalhos relativos à nova carreira de navegação

Tese sobre o problema do Inquilinato a apresentar ao próximo Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa

O problema da habitação, por qualquer dos seus vários aspectos que o encaremos, é daqueles que pela sua capital importância impõe o seu estudo ao proletariado. Tem o seu lugar marcado no plano daqueles problemas que são vitais para a vida do proletariado.

A par e passo que as sociedades avançam na sua marcha sempre ascendente e progressiva mais imperiosamente se impõe a solução de tão magno problema.

E nas cidades, especialmente nas capitais, que a questão se apresenta com tal gravidade que por vezes toca a tragédia com todos os seus horrores.

O progresso concentrando-se particularmente nas cidades forçou-as a um desenvolvimento de actividade e paralelamente a um aumento constante nas forças de produção. Isto trouxe às cidades, mercê dum proletariado mais numeroso, um aumento de população que a sua capacidade de habitação não comporta.

Com este aumento desordenado dos aglomerados humanos—nas cidades—surgiram novos problemas por vezes mais graves ainda do que o da crise de habitação e para quem a sua solução se tornou a pedra angular da solução dos restantes.

A promiscuidade a que a população pobre das cidades foi forçada a viver muito deve o desenvolvimento pavoroso da tuberculose que só em Portugal arrebata anualmente a vida para cima de 20.000 pessoas. Bem podem as estatísticas gritarem bem alto na eloquência dos seus números que é necessário debelar tão perigosa doença que ameaça aniquilar um povo inteiro. Bem podem os médicos especialistas dedicar vidas inteiras de trabalho e sacrifício no combate a essa doença e bem podem também os higienistas elaborarem os seus compêndios de higiene porque tudo isso será inútil.

A promiscuidade é a barreira à promiscuidade; os profetas especialistas, mau grado o seu esforço e dedicação, já mais conseguirão dominar a doença; as estatísticas gritarão mais alto ainda a gravidade do mal e a tuberculose marchará triunfante se o problema da habitação não for resolvido.

A moral educativa do lar, tão necessária à educação da criança para a formação do seu carácter, é coisa que lhe está vedada, por ausência absoluta de lar, no sentido perfeito do termo, nas famílias pobres. Crescendo assim, na ignorância das belezas morais dum lar, não tendo da família e do lar mais do que a noção vaga dum amontoado de seres humanos, a criança, desenvolvendo-se neste meio, desamparada de bons exemplos e de sã moral vai adquirindo uma moral incompleta, quando não viciada e um carácter enfermo. Mais do que a escola, é o lar factor decisivo na educação moral da criança. Se a escola instrui, o lar completa educando.

A pesar da acção desenvolvida pró-educação da criança, a pesar de todos os conselhos da moderna pedagogia e dos esforços dos professores já mais este problema—educação moral da criança—fundamental nas sociedades, terá solução satisfatória sem que a todos seja permitido o direito de possuir um lar.

A promiscuidade, mais que qualquer outra causa, é factor dissolvente da moral e até da própria família. O contacto dos sexos entre a família a que força a promiscuidade já nos deu a conhecer alguns casos de incesto. E quantos ignorados? E assim, lentamente, a falta de habitação vai exercendo uma acção corrosiva da moral e da própria família.

Mas não é só a criança que sofre, na sua educação, a falta do lar. São os próprios adultos. Todo o operário ao abandonar a oficina após um dia longo de labuta intensa, quase sempre num ambiente de condições pesadas e saturantes, sente a necessidade de se acolher ao ambiente «salutar e cheio de beleza da família e entregar-se nesse remanso ao estudo dos assuntos que lhe são predilectos. Tendo vedado este lenitivo moral às agruras dum dia de trabalho, dadas as condições do seu lar, o operário foge de casa e da família refugiando-se geralmente na taberna onde se lhe oblitera a moral e o carácter.

Muito mais longe poderíamos ir na descrição dos efeitos morais da crise de habitação se eles não fossem no duro contacto com a vida prática, bem conhecidos de nós todos.

O melhor *heran* onde se vêem mais nitidamente projectados esses efeitos é nessa sub-classe de inquilinos, nascida da falta e carestia da habitação, denominados sublocatários. Convém notar que não é só a essa deficiência de casas que devemos todo este mal. O Estado tem nelle pesadas culpas.

A habitação, como tudo em regime capitalista e de propriedade privada, está sujeita à lei da oferta e da procura. Com o aumento excessivo que sofreram as populações das cidades o equilíbrio desta lei rompeu-se em favor dos senhorios que com a sua moral de usura e sem escrúpulo algum se serviram dessa circunstância, e a mantêm mesmo, para valorisarem a habitação, tomando-a pelo exorbitante preço das rendas inacessível aos escassos proventos do proletariado. E assim, agravando o mal, a carestia de casas juntou-se-lhe a gananciosa exploração dos senhorios. Mau grado a posse desse direito incontestável, o proletariado vê-lhe negado o direito de habitação.

O Estado tem neste, como em todos os casos de antagonismo de classes, desempenhado a sua função histórica de instrumento de domínio e exploração de classe. No entanto, pretende ainda mascarar esta função usando pequenos paliativos. Procura demonstrar imparcialidade e interesse na questão, fazendo crer que tenta, como Estado democrático, estabelecer o equilíbrio dos interesses regulando o direito de propriedade pelos direitos do inquilinato. Pura mistificação. Protege-se a solução do problema atamando-se os efeitos por causa. Mais alto que as leis jurídicas falam as leis económicas. A habitação, sendo um problema fundamentalmente económico, e estando, como já dissemos, sujeito à lei da oferta e da procura, sofre-lhe as oscilações porque só esta regula as relações entre o inquilino e o senhorio com maior ou menor respeito pelos direitos do primeiro. Pouco consegue o senhorio usando da imutável lei da oferta e da procura que ora o protege na exploração, a torna, como solução do problema, quase um farrapo inútil de papel.

A solução ampla do problema está, pois, no restabelecimento do equilíbrio dessa lei, procurando construir casas para todos, colocando-se assim o inquilinato num poder de igualdade em relação aos senhorios, na defesa dos seus direitos.

Conseguida deste modo a solução do problema do inquilinato, que consideramos a pedra angular da solução doutros não menos importantes para o proletariado, constataríamos quase automaticamente, por efeito, a sua solução.

A tuberculose não encontraria meio ambiente tão propício ao seu desenvolvimento e proporcionaria melhores condições para um mais fácil e eficaz combate. A higiene poderia entrar já em todos os lares, pelas condições de praticabilidade criadas; a criança encontraria no lar aquele ambiente de moral-educativa e de bons exemplos de que tanto necessita; a moral da família estaria menos ameaçada e o operário sentiria renascer-lhe o culto do lar e o sentimento da família.

No entanto não alimentemos ilusões. Bem sabemos que a solução completa destes problemas não cabe dentro dos quadros do regime capitalista.

Filhos do capitalismo, produtos do próprio meio, reflexos das condições materiais de vida dum época, só fora dela encontraremos a desejada solução. Só o proletariado, como classe, tomando a direcção das forças de produção poderá dar-lhe conveniente solução. Porém entendemos que o proletariado deve ir familiarizando-se e adestrando-se no estudo destes assuntos e exigir do Estado Capitalista a maior soma de esforços para a sua solução.

Pode-se talvez deduzir que combatemos aqui a actual lei do inquilinato. Não. Apenas a consideramos insuficiente como solução do complexo problema da habitação. A parte as suas deficiências, ela é, à falta de melhor, defensável.

Essas deficiências tornam-se evidentes na lamentável omissão dos direitos dos sublocatários.

Esquecidos pela lei encontram-se à mercê dos caprichos e extorções dessa nova casta de exploradores—os locatários. Pode afirmar-se que perto de 40% não mais, da população de Lisboa vive nessas condições, sujeita a todos os vexames sem poder defender-se por carencia absoluta de meios legais para o fazer.

Constata-se pois, dada tão elevada percentagem de sublocatários, a necessidade de estabelecer e salvaguardar os direitos dessas vítimas dos locatários, suprimindo a deficiência da lei neste aspecto do inquilinato. Isso vamos procurar conseguir nas nossas conclusões que constituirão base de reclamações a fazer ao governo.

Antes, porém, devemos esclarecer que, para maior facilidade de discussão, as divisões em três partes: **Direitos do Inquilinato, Novas construções e Organização e Defesa do Inquilinato.**

Embora com objectivos comuns tratam contudo matéria diferente.

Direitos do Inquilinato

Reclamar do Governo:

- 1.º Personalidade jurídica para os sublocatários.
- 2.º Abolição expressa do direito de sublocação, com ou sem conhecimento do senhorio, pelos locatários.
- 3.º Que o arrendamento de quartos ou partes de casa seja feito directamente pelos senhorios.
- 4.º Que a proporção das rendas a exigir por esses arrendamentos seja conforme o estipulado no art. 10.º, seus numero, para

rações e alíneas da actual lei do inquilinato.

5.º Extintos, assim, os sublocatários, tornar extensiva a todos as garantias da actual lei do inquilinato.

6.º No caso de doença ou inlábore forçado o inquilino seja isento do pagamento da renda ou esta paga pela Assistência Pública ou outra qualquer entidade.

7.º Sendo provável que os locatários apresentem a aceitação destas reivindicações as *boicotes*, despidendo os locatários, tornando-as impraticáveis e até contraproducentes, que se reclame do governo a sua intervenção no sentido de que a nenhum deles seja permitido, sobre que pretexto for, o despedimento dos seus sublocatários.

8.º A prorrogação da actual lei do inquilinato com as alterações propostas nesta tese.

Novas construções

1.º Que o governo, a fim de atrair e estimular os capitais, dispense uma larga protecção à indústria de construção de prédios urbanos.

2.º O estudo, e execução dum plano de construções rápidas e económicas destinadas às classes operárias.

3.º Coberta, pelas rendas pagas que não poderão ir além de 100\$00 mensais, a importância gasta na construção, acrescida de 5% sobre o capital empregado, o inquilino entra na posse da propriedade.

4.º Abertura de créditos ou uma nova circulação fiduciária de 150.000.000\$00 exclusivamente destinada a essas construções.

5.º Isentar essas habitações de todas as contribuições e impostos.

6.º Que o material a importar para a construção desses bairros operários seja isento do imposto de importação e demais direitos alfandegários.

7.º Que o governo proceda para a construção dos referidos bairros a expropriação, por utilidade pública, de todos os terrenos que necessitar, segundo as leis de 23 de Junho de 1850 e 26 de Julho de 1912.

8.º Que estas construções, a serem feitas pelo Estado, seja a sua administração entregue a uma Junta Autónoma, com representação do S. U. da Construção Civil de Lisboa e da Associação dos Inquilinos Lisboenses.

9.º Que o governo proceda ao imediato acabamento dos Bairros Sociais.

10.º Forçar os proprietários ao acabamento dos 249 prédios que em Lisboa se encontram por concluir, facultando-lhe o governo os créditos necessários e em caso de recusa proceder a essa conclusão por sua conta.

11.º Que o governo isente de contribuição de registo por título oneroso na primeira transmissão de prédios urbanos, de modo a facilitar a sua transacção.

12.º Que o governo lance um pesado imposto sobre os terrenos destinados a construção de prédios urbanos, que os seus proprietários retardam com objectivos mercantilistas, a fim de os obrigar a iniciar essas construções, ou a proceder à sua venda para que outros as iniciem.

13.º Que a Câmara Municipal proceda imediatamente à venda dos seus terrenos nas idênticas circunstâncias, destinados à construção de prédios urbanos, ou de início a essas construções.

14.º Que o governo isente de contribuição de registo por título oneroso as vendas de terrenos destinados à construção de prédios urbanos, sob a condição de que a construção se inicie num prazo que não deverá ir além de 60 dias e o prédio seja considerado habitável dentro de 360 dias contados da data da transacção do terreno.

15.º Que o governo estabeleça a isenção de contribuição predial por um prazo não inferior a 12 anos, a todos os prédios que, destinados à habitação, de futuro forem comecados ou concluídos.

16.º E finalmente que o governo procure junto das direcções das redes ferroviárias do país, a redução de 50% nos transportes de materiais destinados à construção de prédios urbanos.

Organização e Defesa do Inquilinato

A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa entender-se há com a Associação dos Inquilinos Lisboenses para os seguintes fins:

- 1.º Constituição duma Comissão Executiva do Inquilinato de Lisboa, composto por representantes dos dois organismos.
- 2.º Essa Comissão procurará desenvolver no inquilinato o espírito de classe, dotando-o de meios próprios de defesa com uma organização adequada, talvez por frequentes, ou como julgar mais conveniente.
- 3.º Terminado esse trabalho, ou antes se o julgar, convocará uma reunião de delegados dos organismos já criados onde apresentará as bases dessa organização e deporá o seu mandato.

A Comissão—Alexandre Assis, Eduardo Miranda, Ernesto Bonifácio (relator).

TODOS AO PORTO BRANDÃO!

O Comité Central da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional convida o proletariado a visitar, amanhã, domingo, 10 de Outubro, a Colónia Balnear dos filhos dos presos e deportados que mantêm presentemente no Porto Brandão.

Nenhum trabalhador deve deixar de visitar estas pequeninas vítimas da luta de classes!

Pela Cooperativa dos Catraeiros serão organizadas carreiras especiais de gazolinhas, de meia em meia hora, de Belém para o Porto Brandão.

ASSINEM Os Mistérios do Povo